

Crônica de Esportes: a Transmutação do Factual em Poesia e Graça¹

Francisco de Moura PINHEIRO²
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

RESUMO

A proposta central deste artigo é tecer considerações sobre a história e a evolução da crônica enquanto texto híbrido, misto de literatura e jornalismo, publicado nas páginas de revista e jornais, praticado no Brasil desde a segunda metade do século XIX pela mais variada casta de grandes escritores. Num segundo momento é dada ênfase à produção de cronistas que se dedicaram a escrever textos voltados para o mundo dos esportes, usando para tal elevadas doses de lirismo e outro tanto de humor. Nesse aspecto são conduzidos para dentro do artigo nomes como Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Paulo Mendes Campos (1922-1991), Armando Nogueira (1927-2010), Luís Fernando Veríssimo (1936-) etc. Como aporte teórico foram usados, entre outros, os autores MOISÉS (1978), PEREIRA (2004), REZENDE (2015) e SANT'ANNA (1997).

PALAVRAS-CHAVE: crônica; interfaces comunicacionais; jornalismo; literatura

1. Gênese e evolução da crônica

Não existe uma data absolutamente precisa que determine o momento ou o local em que surgiu o gênero narrativo conhecido como crônica. Aliás, nos seus primórdios, nem se pode dizer que a crônica era um gênero narrativo ou que o indivíduo encarregado de produzir um texto pudesse ser chamado de cronista. O que os registros apontam é que o embrião do gênero pode ser localizado nas antigas civilizações egípcia, suméria e assíria, onde existiam sujeitos a serviço da elite dirigente encarregados de fazer o registro das mais diversas operações comerciais, bem como da biografia dos elementos da nobreza e da aristocracia. E quando se tratava do registro de vitórias em confrontos com inimigos, os escribas se esmeravam na adjetivação dos seus senhores, pois sabiam que o relato também se destinava a ser lido para a comunidade que não participava dos conflitos.

Como dizia respeito a fatos verídicos, a partir da compilação de eventos históricos,

¹ Trabalho apresentado na DT6 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2019.

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e-mail: fdandao@gmail.com.

apresentados “segundo a ordem de sucessão no tempo, como o dia a dia da corte, as histórias dos reis, seus atos etc.” (REZENDE, 2015, p. 22), a prática passou a ser então denominada de “crônica”, palavra etimologicamente ligada à noção visceral de passagem temporal, derivada do grego “Cronikós”. A noção de um tempo cronologicamente determinado é que dá sentido à palavra “crônica”. “Todo o esforço de enunciação de alguns fatos só terá legitimidade, neste aspecto, se estiver ordenado sob a cronologia de fatos sociais” (PEREIRA, 2004, p. 16). É conveniente ressaltar que nos seus primórdios a crônica se limitava ao relato dos acontecimentos, sem obrigação de trilhar o caminho da reflexão dos fatos. “Situada entre os anais e a História, limitava-se a registrar os eventos, sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-las” (MOISÉS, 1978, p. 245).

Em sua gênese, a crônica foi exercida apenas como um breve relato de eventos. Um processo de organização cronológica dos fatos em que prevaleceu a enunciação. A crônica não tinha como objetividade definir os elementos do processo de enunciação nem caracterizá-los, historicamente, apenas os submetia ao ethos, reordenando valores sociais. (PEREIRA, 2004, p. 16)

No que concerne à forma da crônica, ao longo dos anos ela foi se modificando e ganhando novas roupagens, deixando o mero relato cronológico, se aproximando dos historiadores e flertando com a literatura. Já no século XII, na Europa (França, Inglaterra e Espanha), a crônica assumiu características mistas, por vezes relato histórico, outras vezes ficção literária, “mas com o único objetivo de representar as relações dos homens com o tempo em que vivem” (PEREIRA, 2004, pp. 17 e 18).

Nesse ponto, ao se voltar para o viés do relato histórico, já no século XVI, a crônica passou a ser confundida com o ensaio. As duas formas de manifestação escrita se utilizavam então de recursos da elocução oral e havia quem defendesse a tese de que a crônica, então, seria apenas um tipo de apêndice do ensaio. Mas a confusão logo seria desfeita por diversos autores, para os quais enquanto o ensaio sintetiza, de forma compacta e breve, uma mistura de pensamento, experiência e observação, a crônica “busca um enriquecimento estético ao tentar agrupar os elementos estruturais que irão habitar no seu interior” (PEREIRA, 2004, p. 21).

Mas foi somente a partir de meados século XIX que o conceito de crônica, de fato, ganhou amplitude, abandonando a sua intrínseca ligação com um tempo determinado

historicamente e passando a focar nas múltiplas facetas do mundo contemporâneo. Para Pereira (2004, p. 23), “o cronista desse século procura absorver os ideais do mundo moderno”. E além disso, de acordo com o mesmo autor (2004, p. 23), começou um processo de reestruturação, estabelecendo um texto com as marcas do literário, mas também buscando “novas formas de expressão para obter unidade estética no exercício da crônica, avançando diante da concepção historicista e da necessidade de revelar fatos”.

O elemento privilegiado na construção do texto será a enunciação, a capacidade de narrar fatos ocorridos em um mundo no qual a memória vai se distanciando do fazer a da experiência vivida pelos homens. O cronista, nesse caso, sabe que é impossível “contar” os fatos de uma forma ordenada, cronológica. Isto, ele buscava na literatura – o meio de expressão mais eficaz para veicular as suas impressões sobre a nova formulação das ideias diante do curso da história. (PEREIRA, 2004, p. 24)

Os antigos limites do exercício da crônica, impostos pela necessidade de ser seguida uma determinada cronologia, ruíram ante a emergência da literatura. O cronista se libertou da obrigação de “agrupar os fatos em função de um tempo preestabelecido, regido pela ética social” (PEREIRA, 2004, p. 24). Igualmente, deixou de lado a preocupação de seguir regras norteadoras tanto de questões temáticas quanto estilísticas. Tudo isso vai resultar num cronista muito mais imaginativo do que racional, “fazendo com que o ato de enunciação de quaisquer fatos possa transitar entre os anais da História e a ficção literária” (PEREIRA, 2004, p. 24). É nesse cenário que a crônica passou a ser cultivada por grandes escritores que, através dos seus textos, começaram a tecer reflexões sobre “a vida social, a política, os costumes e o cotidiano do seu tempo em livros, jornais e folhetins” (REZENDE, 2015, p. 22). Nesse sentido, a crônica passou a ser um texto de cunho pessoal no qual, de acordo com REZENDE (2015, p. 22), “o escritor faz observações, fala de suas lembranças, recria o mundo à sua moda (...), sem preocupação de ser absolutamente fiel à realidade (...)”.

2. Cronistas brasileiros dos séculos XIX e XX

A história da imprensa no Brasil registra dois momentos como os iniciais da atividade jornalística no país, ambos em 1808. No dia 1º de junho circulou pela primeira vez o mensário *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário*. Publicado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, esse jornal circulou até 1º de dezembro de 1822.

Mas, como era todo produzido em Londres, há quem não o considere um jornal genuinamente brasileiro. Para estes, a primazia de marco inaugural da imprensa brasileira se dá com a criação do jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, cujo primeiro número circulou no dia 10 de setembro, editado pelo Frei Tibúrcio José da Rocha.

Os primeiros cronistas que adquiriram reconhecimento público e acadêmico, porém, só começaram a exercitar a sua arte na segunda metade do século XIX: José de Alencar (1829-1877), a partir de 1854, e Machado de Assis (1839-1908), a partir de 1859. Ambos experimentaram o gênero com maestria enquanto avançavam na seara literária, enveredando pelas mais diferentes formas narrativas: contos, romances, dramaturgia, tradução, autobiografia (no caso de Alencar), poesia e crítica (essas duas últimas, além daquelas, no caso de Machado).

José de Alencar publicou suas crônicas em pelo menos dois jornais: *Correio Mercantil* e *Diário do Rio de Janeiro*. A troca de um jornal pelo outro teve o poder de fazê-lo mudar a forma de abordagem e as temáticas exploradas. Enquanto no *Correio Mercantil*, ele se caracterizava como um cronista que circulava pelas ruas, comentando os principais fatos da cidade, no *Diário do Rio de Janeiro*, ele passou a adotar um tom mais literário, declamatório e estabelecendo uma certa sonoridade nas frases, próximo ao estilo com o qual escreveu os seus romances. “O cronista, que informa e comenta os *acontecimentos* da cidade, da política e do mundo, começa a dar lugar ao romancista”, diz Héris Arnt (<http://www.cronicas.uerj.br/home/cronistas/alencar/alencar01.htm>).

Machado de Assis, que publicou a maioria das suas crônicas nos jornais *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal das Famílias* e *Semana Ilustrada*, começou a sua carreira na imprensa como jornalista. “O jornalista perplexo com as estruturas sociais antecede ao cronista esteticamente maduro” (PEREIRA, 2004, p. 70). A atividade como jornalista foi determinante para o estilo dele enquanto cronista. Ao traduzir os fatos com clareza, fugindo da prática da época de somente dar voz aos poderosos, Machado estabelece laços estreitos com o leitor, dando ênfase aos fatos cotidianos e a protagonistas das ruas. “Este aspecto da produção jornalística de Machado de Assis será a fronteira entre o jornalista e o cronista” (PEREIRA, 2004, p. 71).

Com a virada do século XIX para o século XX, o cronista ganhou uma função mais específica na imprensa brasileira: “contribuir para a elaboração de uma autonomia estética da linguagem jornalística, em relação à predominância da função referencial dos

textos informativos” (PEREIRA, 2004, p. 124). Essa ampliação dos significados no espaço do jornalismo, obrigou o cronista a procurar (e buscar) os fatos onde eles acontecem, deixando de lado o mero exercício da observação e tornando-se, não raras vezes, partícipe desses acontecimentos. Surgiu, então a figura do cronista João do Rio, pseudônimo adotado pelo jornalista e acadêmico Paulo Barreto (1881-1921), cuja maioria das crônicas foram publicadas no jornal *Gazeta de Notícias* e na revista *Kosmos*.

As crônicas de João do Rio, especificamente aquelas de *As religiões do Rio*, livro em que o cronista trata do sincretismo religioso no Rio de Janeiro, demonstram o equilíbrio que, aos poucos, a linguagem dos jornais diários vai conseguindo, mais precisamente pelas mudanças temáticas e linguísticas que o espaço destinado à crônica vai conseguindo. (PEREIRA, 2004, p. 127)

A partir de então, a crônica adquiriu uma profusão de praticantes e surgiu no Brasil um elenco de cronistas da mais fina estirpe, alguns que se debruçaram unicamente sobre o gênero, caso de Rubem Braga (1913-1990), e outros que se aventuraram com sucesso por várias possibilidades narrativas, caso, para ficar num exemplo, de Nelson Rodrigues (1912-1980), tão reconhecido como cronista quanto como dramaturgo.

Além desses dois citados no parágrafo anterior, inúmeros artífices da literatura brasileira se revelaram exímios cronistas: Lima Barreto (1881-1922), Humberto de Campos (1886-1934), Cecília Meireles (1901-1964), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Rachel de Queiroz (1910-2003), Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982), Clarice Lispector (1920-1977), Paulo Mendes Campos (1922-1991), Stanislaw Ponte Preta (1923-1968), Fernando Sabino (1923-2004), Ledo Ivo (1924-2012), Carlos Heitor Cony (1926-2018), Armando Nogueira (1927-2010), Ferreira Gullar (1930-2016), Lourenço Diaféria (1933-2000), Roberto Drummond (1933-2002), Rubem Alves (1933-2014), Carlinhos Oliveira (1934-1986), Luis Fernando Veríssimo (1936-), Moacyr Scliar (1937-2011), Affonso Romano de Sant’Anna (1937-), Lya Luft (1938-), Arnaldo Jabor (1940-), João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), Mário Prata (1946-), Tostão (1947-), Ruy Castro (1948-), Milton Hatoum (1952-), Maitê Proença (1958-), Fernando Bonassi (1962-), José Roberto Torero (1963-), Fabrício Carpinejar (1972-), David Coimbra (1972-) Antônio Prata (1977-) etc. A lista é vasta.

3. O humor, o lirismo e a leveza no espaço da crônica

Caracterizando-se pela brevidade, num texto onde o autor ressalta suas impressões pessoais, fazendo observações, a partir de algum fato, ou falando de suas lembranças e recriando-as à sua maneira, não seria exagerado afirmar que a formulação de uma teoria da crônica poderia (pode) dividir o gênero em pelo menos três possibilidades, no que diz respeito à sua estrutura: narrativa, argumentativa e literária.

Na primeira possibilidade, a um fato do cotidiano narrado segue-se a opinião do cronista. Esquemáticamente falando, o desenvolvimento do texto deve seguir as seguintes etapas: apresentação do fato, sequência dos acontecimentos e o que o autor pensa a respeito. A crônica argumentativa é aquela que deve fazer o leitor refletir sobre um determinado tema. O texto então, se desenvolve em três partes: apresentação da discussão, possíveis interpretações e opinião do autor. E a crônica literária é aquela em que o autor conta uma historinha que expresse o seu ponto de vista a respeito de um determinado assunto.

Nos três casos, o autor pode seguir dois caminhos: o do discurso lírico e o do discurso humorístico. O discurso lírico prevalece quando o autor se enche de nostalgia e saudade, traçando um roteiro que privilegia o fazer poético. A poesia, nesse caso, foge à sua apresentação tradicional em versos e se materializa em forma de prosa. Já no discurso humorístico prevalece o realce do ridículo e do escatológico, tanto de situações quanto de personagens. Ressaltando-se que tanto em um caso quanto no outro deve resultar no leitor, após a leitura da crônica, uma sensação de leveza e de um certo descompromisso perante as agruras da vida.

Muitos foram os autores que se especializaram em escrever crônicas cheias de lirismo, embalando sonhos e devaneios dos seus leitores. Este artigo destaca três desses autores, sem promover nenhum juízo de valor, em relação aos citados e aos nomes omitidos. A citação dos três serve meramente como exemplo de uma maneira de escrever crônicas de caráter lírico. Os três escolhidos são os mineiros Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Roberto Drummond.

Veja-se o seguinte trecho da crônica “Moça deitada na grama”, de Carlos Drummond de Andrade, recheado de lirismo: “Resolvi parar um pouco, encantado. Queria ver ainda por algum tempo a escultura da moça, plantada no parque como escultura de Henry Moore, uma estátua sem obrigação de ser imóvel. E que arfava

docemente (...)” (ANDRADE, 1987, p. 10). Ou então o trecho da crônica “Enquanto os mineiros jogavam”: “(..) vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivo que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós (...)” (ANDRADE, 2002, p. 23). E ainda o trecho da crônica “De bola e outras matérias”: “(...) ... Perder é tocar alguma coisa mais além da vitória, é encontrar-se naquele ponto onde começa tudo a nascer do perdido, lentamente” (ANDRADE, 2002, p. 139).

Mudando o foco para Paulo Mendes Campos, veja-se como demonstração do lirismo da sua produção, este trecho da crônica “Em Paris”: “A aurora entrava no céu e tínhamos fome de cebola e sede de vinho branco. Fomos ao mercado (Les Halles) e nos fartamos. E o dia esquentou e começou a arder os olhos” (CAMPOS, 2013, p. 223). Ou então o trecho da crônica “Carta para depois”: “E o amigo que oferecera hospedaria não apareceu, mas um outro me levou para um lugar muito longe, chamado Torto, e me deu água para lavar a poeira do rosto e uísque para lavar a alma” (CAMPOS, 2013, p. 164). E ainda o trecho da crônica “Pois é (samba)”: “O tempo. O tempo me sobra demais ou me falta. Uma branca eternidade de horas atadas. Uma braçada de horas iguais e inúteis. Ou esta pausa indefinida de quem espera o beijo de um anjo. Ou a campainha de um telefone” (CAMPOS, 2013, p. 151).

E no tocante a Roberto Drummond, veja-se o lirismo da crônica “A menina cor de chocolate”: “Menina cor de chocolate que, com uma faca na mão e um brilho dançando nos olhos, assaltou este escrevinhador de quimeras (...) às cinco para as quatro da tarde de um dia que (afora a ameaça das nuvens) parecia sem pecado” (LOPES, 2005, p. 239). Ou então o trecho da crônica “A menina do Afeganistão”: “Serei o teu cronista. Vou escrever na face da lua, no brilho das estrelas, nos muros, nas árvores, na rua, na palma da mão e nos olhos das mulheres amadas” (LOPES, 2005, p. 159). E ainda a crônica “Os amantes clandestinos”: “(...) faz parte do jogo dos amantes clandestinos uma certa dose de sofrimento. É como sofrer por uma causa. É como dar a vida por uma ideologia. Os amantes clandestinos bebem a dor da separação como se vinho fosse” (LOPES, 2005, p. 82).

Da mesma forma que muitos cronistas se especializaram em tratar os seus textos com requintado lirismo, outros se tornaram especialistas em recheiar as suas crônicas do mais fino humor. Três são destacados nesses artigos e, tal como os autores usados como

exemplos da crônica lírica, aqui não existe a preocupação de efetivar nenhum julgamento de valor, em relação aos nomes citados ou omitidos. Os três escolhidos são o gaúcho Luís Fernando Veríssimo, o baiano João Ubaldo Ribeiro e o carioca Stanislaw Ponte Preta (pseudônimo do cronista Sérgio Marcus Rangel Porto).

Veja-se o trecho da crônica “Espelhos”, de Luís Fernando Veríssimo, recheado de humorismo: “Chega um dia na vida de todo homem em que ele se olha no espelho de manhã e tem uma revelação estarrecedora: sua mulher está dormindo com outro! Depois ele olha melhor e vê que não é outro, é ele mesmo (...)” (VERÍSSIMO, 2000, p. 103), que, por alguma razão inexplicável “está com 40 anos” (VERÍSSIMO, 2000, p. 103). Ou então, o trecho da crônica “Homens”: “Deus, que não tinha problemas de verba, nem uma oposição para ficar dizendo ‘Projetos faraônicos! Projetos faraônicos!’, resolveu, numa semana em que não tinha mais nada para fazer, criar o mundo” (VERÍSSIMO, 2000, p. 143). E ainda a crônica “Homem que é homem”: “Como se sabe, antes de partir numa expedição, os bandeirantes subiam num morro em São Paulo e abriam a braguilha. Esperavam até ter uma ereção e depois seguiam na direção que o pau apontasse” (VERÍSSIMO, 2000, p. 94).

E veja-se, agora mostrando a produção humorística de João Ubaldo Ribeiro, o trecho da crônica “Internação, corrente ou aposentadoria”: “Estou escrevendo num laptop mesozoico, movido a corda, com uma fonte de energia adicional acionada por querosene e já sob a proteção do Estatuto do Idoso” (RIBEIRO, 2008, p. 110). Ou então, o trecho da crônica “Mas não no Sul”: “Uma das coisas mais desagradáveis é a evidência de nossa própria ignorância, o que para mim se manifesta a maior parte do tempo, mas principalmente em festinhas e reuniões” (RIBEIRO, 2008, p. 103). E mais, na crônica “Considerações latrofilosóficas”: “Realmente, como vocês estão cansados de me ver repetir, não se pode querer tudo neste mundo. Há gente, contudo, como eu, que continua neuroticamente tentando. E não consegue, claro” (RIBEIRO, 2008, p. 87).

E no que concerne à obra de Stanislaw Ponte Preta, veja-se o humorismo na crônica “Choro, vela e cachaça”: “Enterro de pobre tem sempre cachaça. É pra ajudar pelo falecido. Sabem como é; pobre só tem amigo pobre e, portanto, é preciso haver um incentivo qualquer para a turma subnutrida poder aguentar a noite inteira (...)” (PONTE PRETA, 2009, p. 193). Ou o trecho da crônica “O cocoroca e a flor”: “O rapaz é metido a pierrô. Em sendo a mulher boazuda, ele fica logo mais assanhado que bode velho no

cercado das cabritas. E se apaixonava de estalo, o laparoto” (PONTE PRETA, 2009, p. 85). E mais, na crônica “Prova falsa”: “Ainda por cima era puxa-saco. Lembrava certos políticos da oposição, que espinafra o ministro, mas quando estão com o ministro, ficam mais por baixo do que tapete de porão” (PONTE PRETA, 2009, p. 65).

4. O humor e o lirismo na crônica sobre esportes

A crônica sobre esportes no jornalismo e na literatura do Brasil também seguiu o mesmo caminho da crônica “politemática”, no tocante à exploração do lírico e do humorístico. Muitos dos autores citados nos parágrafos anteriores (Carlos Drummond de Andrade, Roberto Drummond, Paulo Mendes Campos, Luís Fernando Veríssimo) se dividiram enquanto cronistas que falavam de esportes e de outros temas. Eles voltarão a ser citados mais à frente neste artigo como cronistas de esportes. Mas convém ressaltar que existem nomes que se notabilizaram ao escrever principalmente crônicas antológicas sobre esportes, tanto como “poetas prosadores” quanto como criadores de requintadas peças de humor. O acreano de Xapuri Armando Nogueira foi um deles. O paulista de Santos José Roberto Torero foi outro.

Armando Nogueira, que se mudou da sua Xapuri Natal para o Rio de Janeiro em 1944, aos 17 anos, e que foi um dos pioneiros do telejornalismo brasileiro, não poderia ter um lugar melhor para se iniciar numa editoria de esportes do jornalismo impresso do que na redação do *Diário Carioca*. Corria o ano de 1950 e no referido jornal pontificavam inúmeros craques da crônica. Casos, entre outros, de Rubem Braga e Fernando Sabino.

Tome-se como exemplo do lirismo das crônicas esportivas de Armando Nogueira fragmentos de textos publicados nos livros “O canto dos meus amores” (1998) e “A ginga e o jogo” (2003).

Na crônica “Futebol, traje a rigor”, Armando Nogueira, lá pelas tantas, produziu uma frase antológica para descrever como se portavam em campo o jogador brasileiro Paulo Roberto Falcão, o chileno Elias Figuerôa, o inglês Bobby Moore, o uruguaio Pedro Rocha e o húngaro Florian Albert: “Uma dinastia de craques soberbos a cuja estampa, a fluir pelo campo, só faltava uma echarpe de seda no pescoço principesco” (NOGUEIRA, 1998, p. 73). E produziu igualmente, ao falar dos brasileiros Zizinho e Ronaldinho Gaúcho e dos argentinos Pedernera e Pablo Aimar, a pérola que se segue: “O grito

multidão é e será, sempre, a moldura de uma obra imensa, forjada na pureza de uma bola, tocada e retocada por pés mágicos” (NOGUEIRA, 2003, p. 186).

Enquanto isso, José Roberto Torero, escritor, cineasta, roteirista, jornalista, colunista de esportes, vencedor do Prêmio Jabuti de 1995 e do Prêmio Paraná de Literatura de 2012, que ao longo de sua carreira profissional passou pelas redações do *Jornal da Tarde*, da *Folha de São Paulo* e da revista *Placar*, além de autor de diversos livros, produziu peças refinadas do mais puro humor, publicadas em livros como “Zé Cabala e outros filósofos do futebol”, “Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso” e “Crônicas para ler na escola”. Os fragmentos de crônicas selecionados para ilustrar a verve humorística da crônica de esportes de José Roberto Torero são extraídas todas dessa última publicação, conforme se verá nos exemplos a seguir.

Veja-se o que Torero escreveu na crônica “Vendo com os ouvidos”, sobre narrações de futebol pelo rádio em Arapiraca (AL), onde o cronista assistiu a um jogo da série C entre ASA (AL) e Petrolina (PE). O cronista quis saber os motivos pelos quais tanta gente se ligava na transmissão e recebeu respostas como as que se seguem: “É que meus olhos andam meio ruins, só assim que eu sintonizo quem é quem” (TORERO, 2011, p. 50). “É para ver se os técnicos e jogadores têm um bom retrato da partida” (TORERO, 2011, p. 50). “Você me desculpe, mas agora não posso falar, viu? Tenho que escutar o que eu estou vendo” (TORERO, 2011, p. 51). Ou então, o fragmento da crônica “Zé Cabala e o homem que virou taça”: “O importante no futebol é cada um achar a sua posição. A minha era de dirigente” (TORERO, 2011, p. 42).

Mas voltando, neste ponto do artigo, para a produção de crônicas esportivas de caráter lírico ou de humor dos anteriormente citados cronistas Carlos Drummond de Andrade, Roberto Drummond, Paulo Mendes Campos e Luis Fernando Veríssimo, seguem-se exemplos do texto de cada um deles.

Falando sobre a derrota do Brasil na Copa de 1986, no México, Veríssimo criou um texto recheado de ironia, na crônica “Recapitulando”: “Nova derrota, nova frustração e uma leve suspeita de que continuávamos sendo os melhores do mundo, mas que já era tempo de provarmos isso na prática, senão o pessoal ia começar a desconfiar” (MACHADO et alii, 2014, p. 179). Já o início da crônica “Duas velas”, falando do técnico da hora da seleção brasileira, o cronista dá uma demonstração do que viria a seguir como peça de humor: “Como se não bastassem o Brasil, a Humanidade e a próstata, comecei a

me preocupar com o Vanderley Luxemburgo” (VERÍSSIMO, 1999, p. 37). E, por último, o contido na crônica “Fora do gráfico”: “O melhor momento do futebol, para um técnico, deve ser o minuto de silêncio. É quando os jogadores ficam parados, mais ou menos na sua posição designada no desenho da escalação” (VERÍSSIMO, 1999, p. 63).

Carlos Drummond de Andrade criou esta pérola na crônica sobre esportes “Mistério da bola”: “A tarde de olhos radiosos se fez mais clara para contemplar aquele combate, enquanto os agudos gritos e imprecações em redor animavam os contendores” (ANDRADE, 2002, p. 27). E esta outra, na crônica “Celebremos”, a respeito do título na Copa de 1958: “Como deixar de lançar papeizinhos ao ar, sujando a cidade mas engrinaldando a alma, e de estourar bombas da mais pura felicidade e glória, mesmo que arrebetemos os próprios tímpanos (...)” (ANDRADE, 2002, p. 39). E mais esta, na crônica “No elevador”, a respeito de um torcedor vascaíno: “Liam-se no seu rosto as vitórias do Vasco. As derrotas não era possível ler, pois o rosto do Amigo continuava a espelhar a vitória da semana atrasada ou já espelhava a da semana que vem (...)” (ANDRADE, 2002, p. 60).

De Paulo Mendes Campos pode-se extrair outros grandes exemplos da sua verve lírica ao escrever sobre esportes. É o caso deste trecho da crônica “O Botafogo e eu”: “Sou um menino de rua perdido na dramaticidade existencial da poesia; pois o Botafogo é um menino de rua perdido na poeticidade do futebol” (CAMPOS, 2000, p. 13). E mais lirismo na crônica “Adoradores da bola”: “A verdade integral é a bola. O futebol paixão. Esse amor que faz um homem de quarenta e tantos anos sofrer o sono da fadiga para rememorar em câmera lenta o gol de cobertura que fez pela manhã” (CAMPOS, 2000, p. 19). E ainda mais neste trecho da crônica “Mané Garrincha”: “A alegria do futebol de Garrincha está nisso: dentro do campo, ele se integra no espaço que lhe é próprio, não reflete mais (...), não sofre a tentação dos desvios existentes no caminho da inteligência” (CAMPOS, 2000, p. 28).

E do lirismo da crônica de esportes de Roberto Drummond, ressalte-se o trecho de “Para torcer contra o vento”: “Se houver uma camisa branca e preta pendurada no varal durante uma tempestade, o atleticano torce contra o vento” (LOPES, 2005, p. 307). Ou então, outro trecho da mesma crônica: “Daí que a bandeira atleticana cheira a tudo nesse mundo. Cheira a suor. Cheira a lágrimas. Cheira a grito de gol. Cheira a dor. Cheira a alegria. Cheira até mesmo a perfume francês” (LOPES, 2005, p. 307). E mais um trecho:

“Ser Galo é viver eternamente apaixonado – coração em chamas, a respiração ofegante. É como estar à beira do infarto. Ou como sentir a pele macia, a voz aveludada, o perfume inebriante da mulher amada, estando atracado a ela (...)” (DRUMMOND, in <http://cronicasalvinegrasgalo.blogspot.com/2016/05/loucura-atleticana.html>).

5. Considerações finais

Para além da “arte do útil e do fútil” (PEREIRA, 2004), a crônica se estabeleceu no Brasil como gênero híbrido, misto de jornalismo e literatura, desde a segunda metade do século XIX, primeiramente imortalizada nas páginas de revistas e jornais e, posteriormente, reunida em coletâneas no formato de livro.

A referida forma narrativa foi (e continua sendo) experimentada pelos mais diversos autores, sejam alguns de visibilidade apenas nas suas respectivas geografias territoriais, sejam outros reconhecidos entre os maiores das letras brasileiras. A maioria desses autores fez incursões por diversos gêneros, com a crônica se colocando no âmbito da produção deles de forma secundária. Outros, como é o caso de Rubem Braga, só para citar o exemplo mais notório de todos, se notabilizaram por um profundo amor e fidelidade ao referido gênero, jamais publicando outro tipo de narrativa.

Independentemente, porém, de todos os nomes citados neste artigo, bem como das considerações levadas a efeito no desenrolar do texto, é preciso ressaltar que os apreciadores deste tipo de narrativa devem atentar para alguns detalhes peculiares ao referido gênero. Três desses detalhes serão discriminados nas linhas que se seguem: o espaço onde a crônica se insere; a diferença principal entre cronista, comentarista, articulista e colunista; e a relação do cronista com o tempo.

No que diz respeito ao espaço, conforme foi evidenciado anteriormente, é diverso o caminho percorrido pela crônica. Por ser publicada em jornais e revistas, publicações com periodicidade determinada, sempre sucedidas por outros números, a crônica tende a ser esquecida rapidamente. Existem casos de leitores fieis que recortam e guardam os textos dos seu cronistas favoritos. Mas esses são exceção e, quase sempre, os recortes ficam igualmente esquecidos em pastas amareladas. As crônicas que trazem de forma mais evidente dentro de si contornos do elemento literário, entretanto, vão ser (ou poderão ser) resgatadas, posteriormente em livro. Nesse caso, explica SANT’ANNA (1997), “o

trajeto do gênero se parece com o trajeto do autor: começa como jornalista e termina como escritor”.

Quanto à principal diferença entre o cronista, o comentarista, o articulista e o colunista, o que se configura é que o leitor ao ler textos destes três últimos o faz em busca de orientação, traduzida em dados e em inserções basicamente informativas. Eles tratam de uma pauta referente a algo do imediato, da atualidade, quase sempre do dia em que escrevem. O devaneio e/ou o sonho literário, via de regra, passam ao largo dos seus textos. E quando esse tipo de subjetividade, inadvertidamente, se faz presente, logo eles tratam de voltar ao rumo. O cronista, por sua vez, é “um jornalista a quem é permitido falar na primeira pessoa” (SANT’ANNA, 1997, p. 272). Ele é um “comentarista ou colunista que elabora a linguagem literariamente e lhe dá transcendência” (SANT’ANNA, 1997, p. 272).

No tocante à relação do cronista com o tempo, SANTA’ANNA (1997, p. 273) ensina que “existe um tempo veloz de elaboração do texto”. E que, além disso, o cronista sabe que o consumo é imediato. Assim, em comparação com o romancista, o cronista sabe já no dia seguinte à produção se o seu texto terá ou não algum tipo de validade. Enquanto que o romancista levará meses para compreender como a sua obra foi recebida pelos leitores. “Nisso o cronista se parece com o autor do folhetim. E, assim como folhetins podem ser resgatados como obras duradouras, ao cronista pode acontecer de ele sobreviver ao seu tempo, vingando-se do seu Cronos” (SANT’ANNA, 1997, p. 273).

Falando-se das crônicas dedicadas às coisas do esporte, objeto central deste artigo, é possível dizer que os cronistas transmutam o cotidiano e a aspereza do factual em poesia e graça. Alguns traduzem o sentimento dos torcedores com o futebol demonstrando como eles (os torcedores) se unem aos clubes de forma passional e quase mágica. Na palavra dos cronistas, ganham novos sentidos “as atividades de torcer e jogar, as conversas corriqueiras, as experiências do dia a dia, da vida adulta ou da infância, as opiniões, as críticas, as lembranças e as relações dos indivíduos com o futebol são recriadas (...)” (MORGADO, 2007, p. 130).

Para finalizar, torna-se imprescindível dizer que a crônica, seja a relativa aos esportes, seja a de temas gerais, cumpre um papel de fundamental importância dentro da literatura brasileira, no sentido de que entrega aos leitores elementos para uma reflexão da sociedade na qual se insere, nos seus diferentes nuances. Os cronistas, tal e qual os

protagonistas de um jogo de futebol, ao dizer sem dizer, às vezes driblam sem tocar na bola, às vezes marcam gols de placa, às vezes marcam gols de canela, às vezes erram o alvo, as vezes chutam no pescoço dos desafetos, às vezes até mandam a bola para as redes em linhas da mais bela feitura. E assim, a crônica vai erguendo troféus num mundo cada vez mais dominado pela ausência da leitura. Se existe uma relação entre a crônica e a imagem? Sim, visceral: a crônica é o texto que se faz imagem!

6. Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Moça deitada na grama*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
_____. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- CAMPOS, Paulo Mendes. *O mais estranho dos países*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
_____. *O gol é necessário*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LOPES, Carlos Herculano (Org.). *Roberto Drummond*. São Paulo: Global, 2005.
- MACHADO, Antônio de Alcântara ... [et al.]. *Um time de primeira – Grandes escritores brasileiros falam de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária – Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MORGADO, Andréya Garcia da Paixão. *Um jogo de letras: a crônica literária e o futebol*. Dissertação de mestrado. Londrina: Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2007.
- NOGUEIRA, Armando. *O canto dos meus amores*. Rio de Janeiro: Dunya, 1998.
_____. *A ginga e o jogo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil*. Salvador: Calandra, 2004.
- PONTE PRETA, Stanislaw. *Garoto linha dura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *O rei da noite*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- REZENDE, Ivani. *Da crônica ao romance – Os gêneros textuais na escrita*. São Paulo: Scortecci, 2015.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *A vida por viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- SILVA, Otoniel Machado da. *As facetas da crônica do século XIX e suas expressões na Gazeta da Parahyba*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: 2017.
- TORERO, José Roberto. *Crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. *A eterna provação do zagueiro absoluto – As melhores crônicas de futebol, cinema e literatura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
_____. *As mentiras que os homens contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

Sites consultados

- <https://www.coladaweb.com/redacao/cronica> - consultado no dia 11/02/2019
- <http://www.cronicas.uerj.br/home/cronistas/alencar/alencar01.htm>, consultado em 14 de fevereiro de 2019.
- <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/26-cronica>, consultado em 14 e fevereiro de 2019
- <http://cronicasalvinegrasgalo.blogspot.com/2016/05/loucura-atleticana.html> - consultado no dia 16 de março de 2019